



CAM ões

DICIONÁRIO



LUÍS de
CAM ões



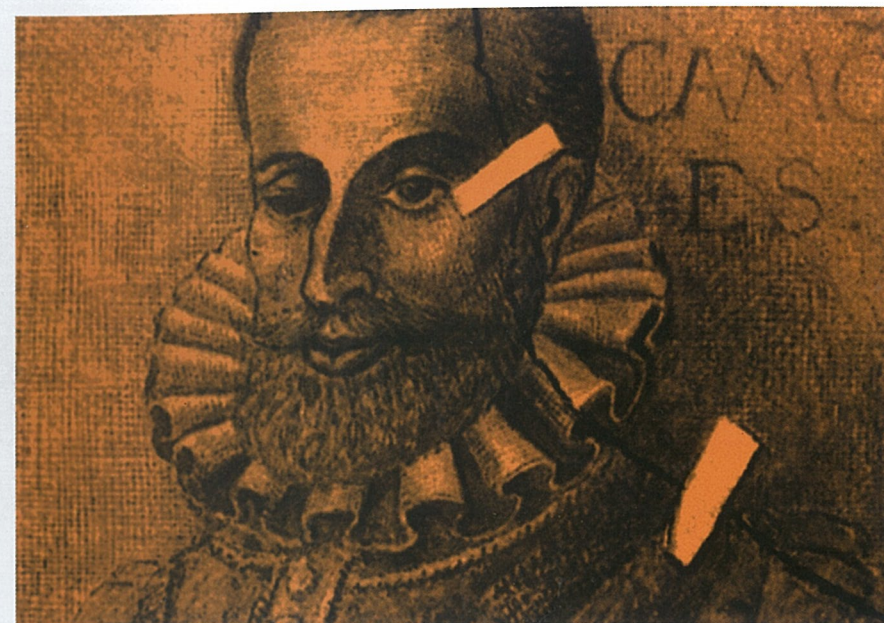
VÍTOR
AGUIAR E SILVA

CAMINHO

 www.leya.com	 www.caminho.leya.com	ISBN 978-972-21-2146-0
		 9 789722 1121460
DICIONÁRIOS		

DICIONÁRIO

DE



LUÍS de
CAM ões

COORDENAÇÃO
VÍTOR AGUIAR E SILVA

CAMINHO

DICIONÁRIO



LUÍS de
CAM ões



DICIONÁRIO



LUÍS de
CAM ões

COORDENAÇÃO
VÍTOR AGUIAR E SILVA

CAMINHO

Título: DICIONÁRIO DE LUÍS DE CAMÕES
Coordenação: VÍTOR AGUIAR E SILVA
© Editorial Caminho, 2011
Coordenação editorial: Laura Mateus Fonseca
Revisão: Fernanda Fonseca, Laura Mateus Fonseca e Nuno Carvalho

Capa: design – Rui Rosa/Croquidesign
Ilustração da capa: *Retrato de Camões*, de Fernão Gomes (c. 1573)
Seleção iconográfica: Vítor Serrão
Paginação: Manuela Pinto
Pré-impressão: Leya, SA
Impressão e acabamento: CEM

1.ª edição
Tiragem: 2000 exemplares
Data de impressão: setembro de 2011
Depósito legal n.º 316 808/10
ISBN: 978-972-21-2146-0

Editorial Caminho, SA
Uma editora do Grupo Leya
Rua Cidade de Córdova, n.º 2
2610-038 Alfragide – Portugal
www.caminho.leya.com
www.leya.com

Apresentação

Conceber, planificar e dar corpo a um *Dicionário de Camões* é um empreendimento complexo e temível, tal é a grandeza da obra do Poeta e de tal modo os estudos camonianos — ou a camonologia ou a camonística — têm acumulado e reelaborado, desde há mais de quatro séculos, notícias históricas e biográficas, indagações filológicas e histórico-literárias, análises e debates de natureza poetológica, juízos críticos, propostas hermenêuticas e reflexões filosóficas, políticas, teológicas, etc., sobre o Escritor que, logo a partir do último quartel do século XVI, se converteu na figura estelar do cânone da literatura portuguesa e cuja poesia, tanto a épica como a lírica, alcançou irradiação universal sobretudo desde o Romantismo e continua a fecundar outros poetas, a originar novas leituras e interpretações, a ser objeto de novas investigações filológicas e de novas reflexões ensaísticas. Por outras palavras, Camões é um clássico que tem sido moderno ao longo dos séculos, desde o Maneirismo e o Barroco até à nossa contemporaneidade, porque inúmeros leitores, em todas as épocas, têm lido admirativamente a sua obra e porque gerações sucessivas de escritores têm dialogado com a sua poesia, reescrevendo-a, refratando-a, reinterpretando-a, desvelando nela os seus próprios sonhos e desejos, os seus próprios espectros e demónios, as suas mágoas e melancolias. Como aforismaticamente escreveu Azorín: «en tanto en quanto los clásicos son capaces de reflejar nuestra sensibilidad moderna, son clásicos».

O domínio fundamental que o Dicionário contempla é naturalmente a obra de Camões, nos seus diversos modos, géneros e subgéneros literários, nas suas formas, nos seus significados e nas suas articulações filosóficas e ideológicas. Não se descurou a biografia do Poeta, sobre a qual têm sido urdidadas tantas conjeturas, mas o lugar central do Dicionário está ocupado pelas análises de vária índole do *corpus* textual camoniano, objetivo que pressupõe a clarificação, na medida do possível, do labiríntico problema dos textos autênticos e dos textos apócrifos da lírica de Camões. As questões

filológicas suscitadas pela tradição manuscrita e pela tradição impressa da obra camoniana, sobretudo no que diz respeito à lírica, mereceram também por isso especial atenção. Aquelas análises, sem prejuízo dos seus vectores linguísticos, estilísticos, poéticos, temáticos, mitocríticos, antropológicos, etc., assentam numa perspectiva histórico-literária *lato sensu* e inscrevem-se muitas vezes num horizonte comparatista, segundo as diversas iluminações heurísticas que o comparatismo pode proporcionar — e.g., Camões e Virgílio, Camões e Petrarca, Camões e Ariosto, etc., ou, no domínio das relações interartes, as articulações entre a poesia e a música, a poesia e a pintura, a poesia e as artes plásticas, em geral.

Como contributos para a construção, sempre precária e lábil, do contexto da obra camoniana, figuram no Dicionário extensos verbetes sobre os grandes movimentos da cultura, das ideias e das artes que modelaram o tempo histórico de Camões: Humanismo, Renascimento, Petrarquismo, Neoplatonismo e Maneirismo. Estes conceitos histórico-culturais, filosóficos e estético-literários representam elementos fundamentais da configuração e da dinâmica do campo literário contemporâneo do Poeta.

A fim de proporcionar ao leitor uma representação mais minudente desse campo literário, foram incluídos no Dicionário artigos sobre escritores coevos de Camões, com alguns dos quais o Poeta manteve comprovadamente relações literárias e pessoais. O seu círculo de amizades e de eventuais inimizades literárias continua a ser, aliás, matéria mal conhecida e controversa, mas é um facto bem significativo que a edição *princeps* d'*Os Lusíadas* tenha vindo à luz despida de quaisquer paratextos de louvor e celebração, como era usual naquela época. A configuração do campo da literatura portuguesa no tempo de Camões seria precária, se não se tivesse em conta a sua inserção numa alargada comunidade interliterária ibérica e, mais latamente ainda, numa comunidade interliterária ibérica com uma influentíssima componente itálica. Daí a existência de artigos dedicados a autores espanhóis e italianos que contribuíram poderosamente para a configuração daquele campo.

O estudo da recepção de Camões, na história da literatura portuguesa e nas principais literaturas estrangeiras, constituiu um dos grandes objetivos do Dicionário. No âmbito da literatura portuguesa, diversos verbetes analisam a recepção da obra de Camões no Barroco, no Neoclassicismo, no Romantismo, no último quartel do século XIX, no Neorromantismo e no(s) Modernismo(s). Os artigos sobre Camões e o cânone literário português, sobre a polémica contra José Agostinho de Macedo e sobre Camões e Fernando Pessoa correlacionam-se estreitamente com aqueles verbetes. Os artigos sobre a recepção de Camões nas principais literaturas estrangeiras proporcionam um estudo pormenorizado da irradiação universal da poesia camoniana, desde as traduções aos comentários, às análises e aos juízos que lhe têm sido dedicados.

A origem e o desenvolvimento plurissecular da camonologia estão contemplados em artigos autónomos consagrados a numerosos camonistas, desde Pedro de Mariz, Manuel Correia, Severim de Faria e Faria e Sousa até Hernâni Cidade, Rebelo Gonçalves, Costa Pimpão, Emmanuel Pereira Filho e Jorge de Sena. Ao longo dos tempos foram os camonistas que, como biógrafos, comentadores, editores, filólogos, historiadores literários e hermeneutas, contribuíram decisivamente para que a obra de Camões fosse difundida, estudada e admirada. Um dos critérios adotados na escolha dos camonistas aos quais foi consagrado um verbete autónomo foi o da não inclusão de camonistas vivos — e existem felizmente muitos insignes camonistas vivos.

Quando o Dicionário estava já praticamente encerrado, ocorreram dois infaustos acontecimentos que enlutaram a comunidade dos camonistas. No dia 8 de outubro de 2010, faleceu o Doutor Aníbal Pinto de Castro (n. 1938), Professor Catedrático da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, que durante muitos anos regeu com mestria a cadeira de Estudos Camonianos na sua Faculdade e que legou à camonologia um rico e sólido património de investigações coligidas na obra *Páginas de Um Honesto Estudo Camoniano* (Coimbra, Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos, 2007). A doença que lhe ensombrou os últimos anos de vida impediu que redigisse para este Dicionário diversos artigos que generosamente tinha aceitado escrever. No dia 30 de janeiro de 2011, faleceu no Rio de Janeiro o Professor Leodegário Amarante de Azevedo Filho (n.1927), Professor Titular da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e Professor Emérito da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), que desde os anos finais da década de sessenta do século XX se consagrou de modo absorvente ao estudo da lírica de Camões, em particular aos problemas do seu cânone, num extraordinário labor corporizado em numerosos estudos e sobretudo nos volumes da edição da *Lírica de Camões*, publicada pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda e ainda não concluída — contribuição inestimável para o conhecimento do texto da lírica do Poeta. Felizmente, o Professor Leodegário Amarante de Azevedo Filho ainda pôde enriquecer e honrar este Dicionário com a sua colaboração.

Como responsável pela coordenação do *Dicionário de Luís de Camões*, cabe-me a conceção e a planificação da obra. Como sempre acontece, entre o modelo ideal projetado e a sua realização prática medeia uma inevitável distância. Tenho consciência de algumas limitações e de algumas lacunas do Dicionário, sobretudo em áreas como a historiografia, a geografia, a astronomia e a medicina, relevantes em especial na leitura d'*Os Lusíadas*. Embora o princípio orientador que regeu a conceção e a planificação do Dicionário tenha sido o da primazia concedida ao estudo da obra poética de Camões, não se optou de modo nenhum por uma orientação formalista *stricto sensu*. Em empreendimentos desta natureza, porém, é por vezes difícil encontrar colaboradores

especializados e com disponibilidade de tempo. Numa eventual segunda edição do Dicionário, poderão ser sanadas algumas daquelas limitações e lacunas.

Procurei assegurar a colaboração de camonistas, tanto nacionais como estrangeiros, de várias gerações, com diversas orientações metodológicas, com entendimentos diferentes da obra de Camões, guiando-me tão-só pelo reconhecimento da sua competência e procurando, na medida do possível, adequar os verbetes solicitados à especialização de cada um. Apenas em dois casos, se a memória não me traiçoa, os colaboradores convidados não puderam aceder à minha solicitação, por motivos de saúde e por outros compromissos inadiáveis de trabalho académico. Impressionou-me muito o modo como praticamente todos, com as duas exceções referidas, aceitaram com entusiasmo colaborar neste projeto. Se necessário fosse, esta é mais uma prova de como Camões está vivo e fala à inteligência e à sensibilidade dos nossos contemporâneos.

Respeitei naturalmente a inteira liberdade de cada colaborador na conceção e na escrita dos seus artigos. Camões e a sua obra foram sempre objeto de análises e interpretações diversas, divergentes e muitas vezes contrapostas e é esta pluralidade de vozes filológicas, poetológicas, críticas e hermenêuticas que constitui um dos fascínios maiores dos estudos camonianos. Não se trata de anular o conceito de verdade, nem sequer de o relativizar radicalmente, mas tão-só de reconhecer que a complexidade formal e semântica da poesia de Camões convoca legitimamente diversas propostas de compreensão, explicação e valoração, exigindo dos camonistas um rigor acrescido na fundamentação, na argumentação e na explanação das suas análises filológicas, histórico-literárias, críticas e hermenêuticas. Não é estranhável, por isso, que entre as ideias, as interpretações e os juízos expressos nalguns verbetes de diferentes autores se encontrem hipóteses, teses, propostas e perspetivas não coincidentes e porventura até discrepantes.

Vou mencionar um exemplo concreto relativamente simples. Nalguns artigos, encontrará o leitor a expressão «*concílio* dos deuses» — deuses olímpicos e deuses marinhos — e noutros encontrará a forma «*consílio* dos deuses». A palavra *consílio* ocorre uma única vez n'Os Lusíadas (I.20.3) — «Quando os Deuses no Olimpo luminoso, / onde o governo está da humana gente, / se ajuntam em *consílio* glorioso» —, aparecendo assim grafada em todos os exemplares da edição de 1572. A forma *concílio* não ocorre no poema. Em latim, a palavra *consilium*, derivada do verbo *consulere*, significa conselho, assembleia de consulta, aconselhamento e deliberação. A palavra *concilium*, relacionada com o verbo *calare*, significa reunião, ajuntamento, assembleia, nos quais se toma uma deliberação, sendo usada sobretudo no domínio eclesial. Como se conclui, o conteúdo semântico dos dois vocábulos é muito semelhante, sendo de relevar apenas como fator distintivo o uso prevalente de *concílio* na linguagem da

Igreja Católica. Por isso, alguns editores d'Os Lusíadas — Faria e Sousa, Barreto Feio, Cláudio Basto e Hernâni Cidade, por exemplo — adotam a palavra *concílio*, ao passo que outros editores — e.g., Epifânio Dias, José Maria Rodrigues, Costa Pimpão, António José Saraiva, Emanuel Paulo Ramos e Sílvio Elia — utilizam o vocábulo *consílio*. Tendo em consideração que esta é uma forma registada em todos os exemplares conhecidos da edição *princeps* d'Os Lusíadas e que não existem razões de ordem semântica que contrariem tal uso, também eu defendo a utilização da forma *consílio* (a qual, como anota José Maria Rodrigues, figura no prólogo da *Aulegrafia* de Jorge Ferreira de Vasconcelos, coevo de Camões, no sintagma «o grave consílio dos Deuses»). Não me esqueço, todavia, de que eminentes classicistas e camonistas como Américo da Costa Ramalho e Maria Helena da Rocha Pereira utilizam nos seus estudos a forma *concílio*.

Agradeço aos colaboradores a confiança que lhes mereceu este projeto e o modo generoso como nele participaram. O seu saber e o seu labor é que permitiram tornar realidade o *Dicionário de Luís de Camões*.

Devo um agradecimento especial a José Manuel Mendes, porque foi ele, alguns anos atrás, a voz persuasiva que me lançou o desafio desta tarefa camoniana agora concluída.

Agradeço a Zeferino Coelho e a Laura Mateus Fonseca o empenhamento, o desvelo e a competência com que acompanharam o desenvolvimento e a concretização deste projeto editorial.

E por último — só na sucessão dos parágrafos... —, agradeço à minha Mulher o devotado apoio que me prestou na realização deste sonho.

Braga, 31 de março de 2011
Vitor Aguiar e Silva

Colaboradores

- Abel N. Pena — Universidade de Lisboa
Apolo (Mito de); Musas (Mito das)
- Aires A. Nascimento — Universidade de Lisboa
Humanismo
- Albano Figueiredo — Universidade de Coimbra
Cancioneiro Geral de Garcia de Resende; Poesia peninsular do século xv e Camões (A)
- Amadeu Torres — Universidade Católica Portuguesa e Universidade do Minho
Traduções latinas d'*Os Lusíadas*
- Ana Filipa Gomes Ferreira — Universidade de Lisboa
Bernardes, Diogo
- Ana María García Martín — Universidade de Salamanca
Bilinguismo literário luso-castelhano no tempo de Camões; Uso do castelhano na obra de Camões (O)
- Ana María S. Tarrío — Universidade de Lisboa
Meneses, João Rodrigues de Sá de
- Ángel Marcos de Dios — Universidade de Salamanca
Boscán, Juan; Garcilaso de la Vega; Montemayor, Jorge de
- Anne Gallut-Frizeau — Universidade de Toulouse Le Mirail
Morgado de Mateus e a edição d'*Os Lusíadas* (O)
- Anne-Marie Quint — Universidade de Paris III
Pinto, Frei Heitor; Receção de Camões na Literatura Francesa
- António Apolinário Lourenço — Universidade de Coimbra
Camões e Fernando Pessoa
- Artur Anselmo — Universidade Nova de Lisboa
Censura inquisitorial na época de Camões (A); Coelho, Manuel; Craesbeeck, Pedro; Fernandes, Domingos; Ferreira, Frei Bartolomeu; Gonçalves, António; Lira, Manuel de; Lopes, Estêvão; Tarrique, Frei António; Tipografia portuguesa no tempo de Camões (A)
- Carlos Ascenso André — Universidade de Coimbra
Degredo (Tema do... na poesia de Camões); *Eneida e Os Lusíadas* (A); Metamorfose (Tema da... na obra de Camões); Ovídio e Camões; Poesia e pintura na poesia de Camões
- Carlos Cunha — Universidade do Minho
Braga, Teófilo (camonista); Comemoração do Tricentenário da Morte de Camões — 1880
- Dinah Moraes Nunes Rodrigues — Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC Rio
Cancioneiro de Luís Franco Correa; Gândavo, Pero de Magalhães de; *Rimas* de Camões (*Cancioneiro ISM* e comentários)
- Elias Torres Feijó — Universidade de Santiago de Compostela
Receção de Camões na Galiza

- Fernando Azevedo — Universidade do Minho
Camões e a Literatura Infantojuvenil
- Fernando Paulo Baptista — Centro de Estudos Aquilinos
Ribeiro, Aquilino (camonista)
- Fernando Pinto do Amaral — Universidade de Lisboa
Melancolia
- Frederico Lourenço — Universidade de Coimbra
Amor; Gonçalves, Francisco da Luz Rebelo (camonista); Homero
- Gilberto Mendonça Teles — Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro — PUC Rio
Receção de Camões na Literatura Brasileira
- Helena Langrouva — Investigadora doutorada pela Universidade Nova de Lisboa
Camões e as Artes; Camões e a Música; Marte (Mito de); Neptuno (Mito de); Orfeu (Mito de); Viagem n'Os Lusíadas, nas *Rimas* e nas *Cartas* de Camões
- Hélio J. S. Alves — Universidade de Évora
Corte-Real, Jerónimo; Crítica camoniana no século XVII (A) (em parceria com Maria da Conceição F. Pires); Épica na Literatura Portuguesa do século XVI (A); Epopeia e o poema cavaleiresco no Renascimento (A); Evemerismo n'Os Lusíadas; Faria e Sousa, Manuel de; Máquina do Mundo n'Os Lusíadas (A); Maravilhoso n'Os Lusíadas (O)
- Irina Khoklova — Universidade de S. Petersburgo
Receção de Camões na Literatura Russa
- Isabel Almeida — Universidade de Lisboa
Cartas de Camões; Cidade, Hernâni (camonista); Correia, Manuel; Maneirismo; Maneirismo em Camões; Mariz, Pedro de; Morais, Francisco de; Rodrigues, José Maria (camonista)
- Ivo Castro — Universidade de Lisboa
Língua de Camões
- João de Almeida Flor — Universidade de Lisboa
Receção de Camões na Literatura Inglesa
- José Augusto Cardoso Bernardes — Universidade de Coimbra
Adamastor (Episódio do); *Auto dos Anfitriões*; *Auto d'El Rei Seleuco*; *Auto de Filodemo*; Medida Velha; Pinto, Fernão Mendes; Renascimento; Teatro
- José Cândido de Oliveira Martins — Universidade Católica Portuguesa
Amora, António Soares (camonista); Figueiredo, Fidelino de (camonista); *História Trágico-Marítima* (antiepopéia da decadência do império); Naufrágio de Sepúlveda (Episódio do); Paródias d'Os Lusíadas; Polémica contra José Agostinho de Macedo
- José Carlos Seabra Pereira — Universidade de Coimbra
Augustinianismo em Camões; Camões e o(s) Modernismo(s) em Portugal; Camões e o Neorromantismo; Inês de Castro (Episódio de)
- Juan M. Carrasco González — Universidade da Extremadura (Cáceres)
Bernardim Ribeiro e Camões
- Júlia Garraio — Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra
Michaëlis de Vasconcelos, Carolina; Storck, Wilhelm (camonista)
- Kenneth David Jackson — Universidade de Yale
Edição *Princeps* d'Os Lusíadas (A)
- † Leodegário A. de Azevedo Filho — Universidade Estadual do Rio de Janeiro e Universidade Federal do Rio de Janeiro
Métrica em Camões (A)
- Luís de Oliveira e Silva — Universidade Nova de Lisboa
Autor e narrador n'Os Lusíadas; Consílio dos Deuses Marinhos; Consílio dos Deuses Olímpicos; Épica e Império; Fado e Fortuna d'Os Lusíadas; Gama, Vasco da; *Lusíadas (Os)* e *La Araucana*; Vasco da Gama a D. Quixote (De)
- Luís de Sá Fardilha — Universidade do Porto
Cancioneiro da Biblioteca do Escorial; *Cancioneiro de Corte e de Magnates*; *Cancioneiro de D. Cecília de Portugal*; *Cancioneiro de Évora*; *Cancioneiro do Manuscrito 2209* do Arquivo Nacional da Torre do Tombo; *Cancioneiro da Real Academia de la Historia de Madrid*; Castro do Rio, Martim de; Lencastre, D. João de (Duque de Aveiro); Luís, Infante D.; Portugal, D. Manuel de
- Mafalda Ferin Cunha — Universidade Aberta
Camões na poesia barroca portuguesa; Quevedo (Castelbranco), Vasco Mousinho
- Manuel Ferro — Universidade de Coimbra
Almeida, Manuel Pires de; Boiardo, Matteo Maria (receção em Portugal); Doze de Inglaterra (Episódio dos)
- Marcia Arruda Franco — Universidade de São Paulo
Afrânio Peixoto, Júlio (camonista); Cãnone literário português e Camões (O); Desconcerto do mundo (Tema do... na obra de Camões); Ficalho, Conde de, *Flora dos Lusíadas*; Horacianismo em Camões; Labirintos
- Margarida Braga Neves — Universidade de Lisboa
Sena, Jorge de (camonista)
- Maria Augusta Lima Cruz — Universidade do Minho
Camões e Diogo do Couto
- Maria da Conceição F. Pires — Escola Secundária Gabriel Pereira (Évora)
Crítica camoniana no século XVII (A) (em parceria com Hélio J. S. Alves); Faria, Manuel Severim de
- Maria do Céu Fraga — Universidade dos Açores
Armas e letras; Canção; *Cancioneiro de Cristóvão Borges*; *Cancioneiro de Fernandes Tomás*; *Círculo Camoniano*; *Collecção Camoneana* de José do Canto; Eclogas; Elegias; Epístolas; Odes; Orta, Garcia de; Pavão, José de Almeida (camonista); Sextina
- Maria Helena Ribeiro da Cunha — Universidade de São Paulo
Neoplatonismo de Camões; *Revista Camoniana*
- Maria Helena da Rocha Pereira — Universidade de Coimbra
Tradição clássica na obra de Camões (A)
- Maria Manuela Gouveia Delille — Universidade de Coimbra
Receção de Camões na Literatura Alemã
- Maria do Rosário Lupi Belo — Universidade Aberta
Camões e o Cinema
- Maria Vitalina Leal de Matos — Universidade de Lisboa
Biografia de Luís de Camões; *Lusíadas (Os)*; Sá de Miranda, Francisco de
- Marina Machado Rodrigues — Universidade Estadual do Rio de Janeiro
Lírica de Camões: modelo de edição crítica da Nova Escola Camoniana Brasileira; Pereira Filho, Emmanuel (camonista)
- Martim de Albuquerque — Universidade de Lisboa
Conceção do poder político em Camões (A)

- Micaela Ramon — Universidade do Minho
Saraiva, António José (camonista); Sérgio, António (camonista); Sonetos; Sonho de D. Manuel; Tempestade Marítima (Episódio da)
- Ofélia Paiva Monteiro — Universidade de Coimbra
Camões e o Romantismo português
- Paulo de Medeiros — Universidade de Utrecht
Receção de Camões na Literatura Norte-Americana
- Paulo Meneses — Universidade dos Açores
Carvalho, José Gonçalo Herculano de (camonista)
- Pedro Serra — Universidade de Salamanca
Receção de Camões na Literatura Espanhola
- Rita Marnoto — Universidade de Coimbra
Ariosto, Ludovico; Bembo, Pietro; Camões no Neoclassicismo; Castiglione, Baldassare; Hebreu, Leão; Petrarquismo; Petrarquismo em Camões; Retratos femininos na poesia de Camões; Sannazaro, Iacopo
- Roberto Mulinacci — Universidade de Bolonha
Locus amoenus; *Locus horridus*; Oriente, Fernão Álvares do
- Sheila Moura Hue — Universidade Federal do Rio de Janeiro
Castro, Estevão Rodrigues de; *Lusíadas (Os)*, Edição dos «piscos»; Resende, André Falcão de; *Rhythmas* de Luís de Camões (1595); Soropita, Fernão Rodrigues Lobo
- Silvina Pereira — Universidade de Lisboa; Teatro Maizum
Vasconcelos, Jorge Ferreira de
- T. F. Earle — Universidade de Oxford
Ferreira, António e o projeto de criação de um poema épico
- Valeria Tocco — Universidade de Pisa
Lusíadas (Os); tradição manuscrita; Receção de Camões na Literatura Italiana
- Vanda Anastácio — Universidade de Lisboa
Aragão, D. Francisca de; Caminha, Pero de Andrade; D. Maria, Infanta
- Vasco Graça Moura — Escritor
Redondilhas *Sóbolos rios que vão* ou *Sobre os rios que vão*; Retratos de Camões
- Virgínia Soares Pereira — Universidade do Minho
Lusíadas; Luso (Mito de); Resende, André de; Tágides
- Vítor Aguiar e Silva — Universidade do Minho
Actéon (Mito de); Andrada, Miguel Leitão de; Baco (Mito de); Camões e D. Sebastião; *Cancioneiro Hispano-Português* da Hispanic Society of America; *Cancioneiro Juromenha*; *Cancioneiro do Padre Pedro Ribeiro*; Cânone das *Rimas (O)*; Dias, Augusto Epifânio da Silva (camonista); Forma cancionero e as *Rimas* de Camões (A); Ilha dos Amores (Episódio da); Juromenha, Visconde de (camonista); Pimpão, Álvaro Júlio da Costa (camonista); *Rimas* (ed. 1598); Vénus (Mito de)
- Vítor Serrão — Universidade de Lisboa
Camões e as artes do seu tempo, entre Humanismo e *Bella Maniera*
- Xosé Manuel Dasilva — Universidade de Vigo
Filgueira Valverde, Xosé; Régio, José (camonista)
- Zulmira Santos — Universidade do Porto
Poesia religiosa em Camões (A); Velho do Restelo (Episódio do)



ACTÉON (Mito de). Actéon foi filho de Aristeu e de Autónoe — neto, portanto, de Apolo e de Cadmo — e aprendeu a arte da caça com o centauro Quíron, tendo-se tornado um hábil e apaixonado caçador. O episódio central do mito consiste na metamorfose de Actéon em cervo e na sua subsequente dilaceração mortal por parte dos seus próprios cães. As causas da sua metamorfose e da sua morte são objeto de versões diferentes: segundo alguns autores (por exemplo, Estesícoro), Actéon teria sido punido por Zeus por ter tentado desposar Sêmele, amante do senhor do Olimpo; segundo outros autores (Eurípides, Diodoro Sículo), Actéon ter-se-ia jactado de ser mais exímio na arte venatória do que Ártemis; segundo outra tradição, Actéon foi culpado de ter visto desnuda uma das grandes deusas virgens, Ártemis. A mais conhecida e influente versão do mito encontra-se nas *Metamorfoses* de Ovídio (III, 138-252), onde se narra que, após uma jornada venatória, à hora do meio-dia — hora culminante da ardência solar e do desejo erótico —, Actéon entrou num bosque que não conhecia — um espaço com as características do *locus amoenus* — e avistou numa gruta a deusa Diana, que, acompanhada por ninfas desnudadas como ela, tomava banho nas águas cristalinas. Com gritos de surpresa, as ninfas rodearam a deusa, ocultando-a com os seus corpos. Diana, com o rosto tingido de rubor, salpicou com água o rosto e os

cabelos de Actéon e disse-lhe que poderia contar, se fosse capaz, que a vira despojada de roupa. Logo Actéon se transformou em veado e, tendo perdido a voz, embora mantivesse a consciência de si mesmo, após ter visto nas águas o seu rosto cervino e as suas hastes, encetou uma fuga veloz, mas foi alcançado pelos seus cães que, sem o reconhecerem, o despedaçaram e devoraram. Ovídio sublinha que a metamorfose fatal não foi causada por um crime ou por uma culpa de Actéon, mas sim por um erro ou por um delito da Fortuna (nos *Tristia*, II, 105-106, Ovídio reitera este entendimento, explicando de igual modo a *relegatio* imperial que sobre ele recaíra).

Boccaccio narrou o mito na sua *Genealogia dos Deuses Pagãos* (l. V, cap. XIV), concluindo a sua narrativa com uma interpretação alegórica proposta pelo mitógrafo Fulgêncio (século V), que haveria posteriormente de ter grande fortuna: a matilha — o catálogo ovidiano das *Metamorfoses* enumera trinta e oito cães — devorara o património de Actéon e, por isso, se podia dizer que este fora comido pelos seus animais de caça (noutras versões, os cães são substituídos pela multidão de servidores e privados que arruinam a fazenda dos senhores apaixonados pelas aventuras cinegéticas).

A narrativa ovidiana da metamorfose de Actéon está presente como subtexto na *Commedia* de Dante (*Inferno*, XIII, 124-129) e avulta

que eloquente e astuciosamente endereça aos deuses do mar reunidos em consílio, reitera a sua mágoa por ir ser desapossado das honras e glórias ganhas com os seus triunfos nas «terras Indianas do Oriente» (VI.32) e invoca uma injúria maior, que abrange todos os deuses, pois coloca em risco o seu estatuto e o seu poder divinos. O atrevimento e a ousadia de um pequeno povo que cometera «o mar com vela e remo» (VI.29.4) são o prenúncio de uma alteração radical da condição dos deuses e da condição dos homens, exprimindo o grão Tebano o temor de «que do Mar e do Céu, em poucos anos, / venham deuses a ser, e nós, humanos» (VI.29.7-8). No consílio dos deuses marinhos, numa reversão do debate ocorrido no consílio dos deuses olímpicos, Baco logra persuadir os seus pares e alcançar o seu apoio, desempenhando Neptuno uma função oposta à de Júpiter e representando a Titânide Tétis (lat. *Tethys*), esposa do senhor dos oceanos, um papel inverso ao de Vénus. A vitória de Baco neste consílio foi porém ilusória, porque Proteu, divindade marinha de caráter oracular, foi impedido por Tétis de revelar a profecia que a vontade dos deuses não podia contrariar e que o próprio Júpiter já dera a conhecer: os navegadores portugueses haviam de aportar à Índia, triunfando de inimigos, de perigos e de obstáculos.

Tanto nas suas metamorfoses humanas — primeiro, «dum Mouro, em Moçambique conhecido, / velho, sábio, e co Xequê mui valido» (I.77.7-8); depois, em Mombaça, «na forma doutro Mouro» (I.104.8); por último «com rosto humano e hábito fingido, / mostrando-se Cristão» (II.10.6-7) —, como na sua aparição em sonhos a um sacerdote maometano, sob a forma do próprio profeta Maomé (VIII.47), Baco fala, argumenta e age sempre como um aliado da Lei de Mafoma. A esta luz, não carece de lógica que Faria e Sousa, em consonância com a longa tradição mitográfica já referida, tenha interpretado o mito de Baco n'Os *Lusiadas* como uma alegoria do Demónio que se opunha à dilatação e ao triunfo da Fé e do Império de que eram obreiros os Portugueses, no quadro de uma nova ordem universal estabelecida pelos Fados. As semelhanças que alguns camonistas (e.g., WALKER 1972) têm assinalado entre Baco e o Velho do Restelo, como representantes de uma atitude reacionária contra o programa civilizacional, são apenas aparentes.

O pensamento do Velho do Restelo, transmitido pelo autor textual e pelo narrador d'Os *Lusiadas* sem animadversão, funda-se numa filosofia humanista e cristã contra as navegações como manifestação da cobiça infrene dos homens e como expolição dos povos descobertos e numa visão geoestratégica da expansão portuguesa que deveria concentrar-se nas praças do Norte de África e não desperdiçar meios humanos e materiais no sorvedouro dos mares e das terras orientais, mas nunca pondo em causa o ideal cruzadístico da luta contra o Ismaelita. Baco, pelo contrário, recorre a estratagemas, a intrigas e a traições para satisfazer os seus interesses e as suas vaidades pessoais, sem qualquer vislumbre dos ideais de *cosmocrator*, isto é, de governador do mundo, que lhe foram atribuídos em Roma sob o império de Trajano e de Adriano. A sua aliança com a «Maura gente» é puramente tática, porque tem como objetivo apenas criar obstáculos à empresa de Vasco da Gama e dos seus navegadores e não fortalecer propriamente a Lei de Maomé e a ordem civilizacional que dela dependia.

O comportamento e as atitudes de Baco n'Os *Lusiadas* obrigam a analisar as relações de parentesco existentes entre Baco, Luso e Lisa, e, por conseguinte, a relação genealógica que liga Baco aos Portugueses. No consílio dos deuses olímpicos, é o próprio Júpiter que denomina os Portugueses como «forte gente / de Luso» (I.24.3-4) e é Marte, na colérica resposta que dirige a Baco, quem sublinha o estreito parentesco que unia este deus aos Portugueses: «Bem fora que aqui Baco os sustentasse, / pois que de Luso vêm, seu tão privado» (I.39.3-4). Vasco da Gama, ao evocar, no Canto III, a sua ditosa pátria amada, refere-se, com alguma dúvida ou indecisão, à toponomástica e à genealogia mitológica das terras e das gentes de que era oriundo: «Esta foi Lusitânia, derivada / De Luso ou Lisa, que de Baco antigo / Filhos foram, parece, ou companheiros, / E nela antão os incolos primeiros» (III.21.5-8). No discurso que profere no consílio dos deuses marinhos, todavia, o vingativo Baco rasura intencionalmente a relação de progenitura e de amizade com Luso e refere-se sobranceiramente à relação de suserano e de vassalo entre ambos existente, reivindicando assim indiretamente uma relação de poder sobre o povo português: «Vedes agora a fraca geração / que dum vassalo meu o nome

toma, / com soberbo e altivo coração / a vós e a mi e o mundo todo doma» (VI.30.1-4). Finalmente, no Canto VIII, nas estâncias 2, 3 e 4, a atenção do narrador Paulo da Gama concentra-se no retrato de um ancião já evocado na estância 77 do canto anterior, mas cuja descrição fora aí interrompida pelo famoso excursão de autobiográfica amargura e de reflexão sobre a ética da escrita épica com que termina o Canto VI. Ao contrário das palavras incertas de Vasco da Gama atrás citadas, o discurso eufónico de Paulo da Gama é explicitamente assertivo sobre a genealogia de Luso — nome do qual derivam as palavras Lusitânia, Lusitano e Lusíadas —, repetindo o narrador por duas vezes que Luso foi filho e companheiro de Baco. Informa ainda Paulo da Gama que Luso veio batalhar na Hispânia, que nas terras entre o Douro e o Guadiana quis dar eterna sepultura aos cansados ossos, que deu nome aos lusitanos e que na mão direita do retrato estava representado, como divisa, o verde tirso, usado por Baco.

Como explicar a atitude hostil, odiosa e vingativa, de Baco em relação aos seus descendentes, aos filhos do seu filho? No consílio dos deuses marinhos, como ficou dito, Baco rasura a sua relação paternal com Luso. Camões interpretou bem as informações da tradição mitográfica sobre o caráter duplice, rancoroso e prepotente de Baco, que não tinha piedade nem perdão para com aqueles que se opunham aos seus desígnios, vontades e ambições. Ora a *translatio imperii* determinada pela Divina Providência — ou pelos *Fados Grandes*, segundo as palavras de Júpiter — em favor dos Portugueses, como reconhecimento e recompensa do seu valor e da sua fé, desapossava Baco do seu paterno poder, da sua paterna glória e da sua paterna fama. Como bem compreendeu Jorge de Sena, o pai, ao saber ameaçado o seu poder, «procura impedir que os filhos se lhe substituam. Isto é da própria essência antropológica da sucessão do poder político, e tem fortes incidências psicanalíticas nas castrações mentais, a que muitos procedem, de seus filhos» (SENA 1970, p. 155). Baco, aliás, repetia e sofria, a seu modo, o historial de violência dos deuses primordiais: Júpiter destruíra o poder do seu pai Saturno, o qual, por sua vez, castrara o seu pai, Urano.

Falhada a sua última tentativa de se opor à chegada dos Portugueses à Índia, Baco desapare-

ce da fábula d'Os *Lusiadas*. A sua derrota final está representada pela receção que, em companhia das Ninfas, Tétis (*Tethys*), a esposa de Neptuno que defendera a causa de Baco no consílio dos deuses marinhos, presta a Vasco da Gama e aos nautas portugueses na Ilha dos Amores, por influência de Vénus e do Amor. Os seus esposais simbólicos com Vasco da Gama representam o triunfo dos valores que Baco quisera destruir.

BIBL.: ALVES, Hélio J. S., «Post-imperial Bacchus: The politics of literary criticism in Camões Studies 1940-2001», *Portuguese Literary & Cultural Studies*, 9 (2003) pp. 95-106; BOCCACCIO, Giovanni, *Genealogía de los dioses paganos*, Madrid, Editora Nacional, 1983; BOWRA, C. M., *Virgílio, Tasso, Camões e Milton*, Porto, Livraria Civilização, 1950; FIGUEIREDO, João R., «Pais tiranos: o Baco de *Os Lusiadas* e Camões», in FEIJÓ, António M. e TAMEN, Miguel (eds.), *A Teoria do Programa. Uma Homenagem a Maria de Lourdes Ferraz e a M. S. Lourenço*, Lisboa, Universidade de Lisboa, 2007; MAHÉ, Nathalie, *Le mythe de Bacchus dans la poésie lyrique de 1549 à 1600*, Berne, Peter Lang, 1988; id., *Le mythe de Bacchus*, Paris, Fayard, 1992; NASCIMENTO, Aires A., «Ainda Virgílio e Camões: Vénus e Baco, uma oposição de alcance cósmico», *Românica*, 10 (2001), pp. 191-206; OTTO, Walter F., *Dioniso. Mito e Culto*, 3.ª ed., Madrid, Siruela, 2006; PIVA, Luís, «O concílio dos deuses: Vénus e Baco n'Os *Lusiadas*», *Revista Camoniana*, 1 (1964), pp. 94-157; id., *Do Antigo e do Moderno na Épica Camoniana*, Brasília, Clube de Poesia e Crítica, 1980; SENA, Jorge de, *A Estrutura de Os Lusiadas e Outros Estudos Camonianos e de Poesia Peninsular do Século XVI*, Lisboa, Portugalá Editora, 1970; SILVA, Vítor Aguiar e, *A Lira Dourada e a Tuba Canora: Novos Ensaios Camonianos*, Lisboa, Livros Cotovia, 2008; WALKER, Roger M., «Reação ou Progresso? Baco ou Vénus? Pergunta de Camões ainda sem resposta», *Ocidente*, número especial (novembro, 1972), pp. 173-181.

Vítor Aguiar e Silva

BEMBO, Pietro (Veneza, 1470-Roma, 1547). A relação entre Camões e Pietro Bembo reentra no quadro do petrarquismo e do neoplatonismo camonianos, sendo indissociável do âmbito específico da receção da sua obra, no Portugal do século XVI.

Poeta, autor de tratados e escritos teóricos sobre questões linguístico-literárias e de especulação acerca de amor, profícuo epistológrafo, historiador, reputado filólogo e helenista, Pietro Bembo foi figura de proa daquele movimento normativo, gerado no seio do petrarquismo, que se afirmou, em Itália, nas primeiras décadas do

ctual de Pietro Bembo, o tema das
 mor e da labilidade dos sentimen-
 do lugar ao gosto hedonista das
 n refletido na reelaboração dos
 efeito, o neoplatonismo de Bembo
 no sentido da união com um plano
 o liga mais diretamente ao próprio
 Platão, ao passo que, em Camões,
 as fraturas de amor, entre terreno e
 profano, o deslocam para o plano

tensão moral, social e estética, que
 feito de amor exposto no segundo
 epara aquela área das *Rime* escrita
 mais maduro, a sintonia ressalta na
 e na descrição da figura feminina,
 as vias da hipercodificação petrar-
 neoplatonismo conciliante. Aí se
 ma de amar que nada deseja, cen-
 contemplação da beleza física e
 mada, ou, estando ela ausente,
 a recordação através da imagina-
 de de sensualidade contida, que é
 harmonia de uma seleção de ima-
 as. Às reflexões em torno do louvor
 nina desenvolvidas nos *Asolani*,
 várias composições de louvor, a
 as quais é o soneto, *Crin d'oro*
ta tersa e pura, que foi imitado por
 sas literaturas. Uma seleção das
 sas imagens e predicados femini-
 os por Petrarca, é disposta com
 étrica, de acordo com a figura da
 tugal, além de Camões, imitaram-
 rreira, Pero de Andrade Caminha,
 es, António Lopes da Veiga ou
 es Soropita. No soneto *Ondados*
zente, Camões reelabora o mode-
 substituindo as referências ao plano
 ia de ver, efetivamente, a amada,
 a que remete para o primeiro livro

z, o episódio da Ilha de Vénus, em
 flete, a vários títulos, o clima das
 bo. É o mesmo o papel desempe-
 us, que das suas exóticas paragens
 dro amoroso perpassado por uma
 atificante, numa incitação ao amor
 retóricas paralelas. Em ambos os
 apresentado como um sentimento

natural e espontâneo, que eleva o homem e a humanidade a um grau superior de perfeição e conhecimento. Mas à vinculação à cena de corte das *Stanze*, substituem-se, em Camões, os elos que ligam o longo episódio, com a sua carga simbólica, à estrutura de um poema épico que celebra a nação portuguesa.

No plano métrico e estilístico, os grandes princípios que enformam a poesia camonianiana, conferindo-lhe um excepcional grau de perfeição compositiva, identificam-se com os modelos prescritos por Bembo nas *Prose* e aplicados na sua obra. Caracterizam-nos a *piacevolezza* e a *gravità* obtidas através do trabalho do *som*, do *número* e da *variação*, nos termos advogados no segundo livro desse tratado. Daí decorre, na estrutura métrica da canção petrarquista, o efeito resultante da distância entre as rimas. Quando é menor, em virtude do recurso ao senário, a composição ganha em *piacevolezza*. Quando é mais dilatada, em consequência do uso do verso decassilábico, a composição adquire *gravità*. Na senda da norma estabelecida por Bembo, Camões recorre a ambos os processos. O poeta italiano elegeu como supremo exemplo de *piacevolezza* aquelas que designou como *canzoni sorelle*, dada a semelhança do seu esquema métrico, a Canção CXXVI de Petrarca, *Chiare, fresche e dolci acque* (abC abC-c deeDfF); e a Canção CXXV, *Se'l pensier che mi strugge* (abC abC-c deeDff). O primeiro esquema foi o modelo de Petrarca que mereceu a preferência de Camões, que o usa na Canção IV, *Vão as serenas águas*, na Canção VI, *Com força desusada*, e na Canção VIII, *Tomei a triste pena*. Por sua vez, a *gravità*, nos termos em que é prescrita por Bembo, passa pela aplicação, à canção petrarquista, da lição de Dante, quando, no tratado *De vulgari Eloquentia*, definia essa forma poética como *tragica coniugatio* a ser preferencialmente vazada em decassilabo. Esse sentido da *gravità* conjuga-se com o Maneirismo camonianiano. Bembo retomou o esquema métrico da canção de Petrarca que tem um maior número de decassílabos por estrofe, a Canção XXIII, *Nel dolce tempo de la prima etade* (ABC BAC-C DEeDFGHHGFFII), na célebre composição dedicada à morte do irmão Carlo, *Alma cortese, che dal mondo errante*. Trata-se do mesmo metro usado por Camões na Canção X, *Vinde cá, meu tão certo secretário*, uma composição fortemente

marcada pelo sentido trágico da existência. Todavia, o autor de *Alma cortese, che dal mondo errante* substitui o esquema do comiato petrarquiano por um comiato duplo, mais artificioso, ao passo que Camões se mantém fiel ao modelo original, que também foi seguido por Sannazaro, em *Spirto cortese, che sí bella spoglia*, e por Garcilaso, em *El aspereza de mis males quiero*. Contudo, tanto Bembo como Camões criaram novos esquemas métricos, que construíram a partir de Petrarca. Um deles, que é também exemplo de *gravità*, utilizado por Bembo na série de três canções inseridas no terceiro livro dos *Asolani* (ABC ABC-C DdEeFfGg), foi retomado em *Manda-me Amor que cante docemente*.

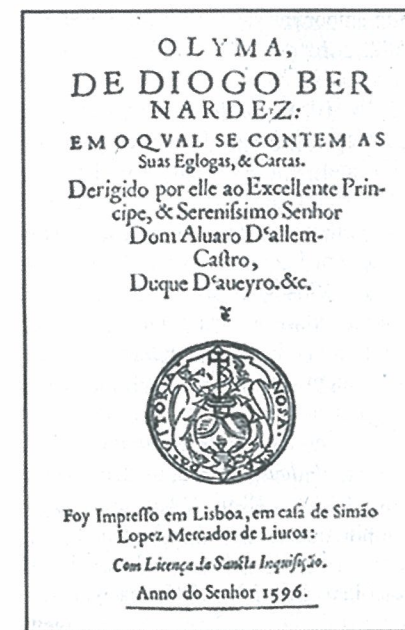
Pietro Bembo é, pois, uma referência primordial para Camões. Contudo, há que considerar a distância que corre entre o idioleto de cada um dos poetas, em correlação com o respetivo enquadramento histórico-literário. A atividade de Bembo encontra-se intimamente relacionada com os círculos cortesãos que frequentava. A autoridade e o poder que detinha, nos meios literários italianos, e a sua preceituação teórica normativa sustentavam-se mutuamente. De outra forma, a poesia de Camões não decorre de um interesse teórico explícito e as suas opções genológicas são mais latas e articuladas. Aliás, o leque de géneros cultivado por Camões é mais amplo, relativamente a Bembo, que também neste campo segue parâmetros de restrição. Além disso, se o poeta italiano, ao longo do seu percurso, foi programaticamente minorando a artificiosidade compositiva, no caso de Camões não possuímos dados que documentem uma progressão. A sua agudeza verbal e conceptual decorre, porém, do enquadramento histórico-literário que penetra e imbui a sua cosmovisão maneirista, numa ligação intrínseca com o sentido de desengano do mundo, com a descrença numa conceção neoplatónica harmonizante e com o recurso à contaminação entre códigos que caracteriza a sua poesia, marcando, por essa via, o modo como imita Bembo.

BIBL.: DESWARTE, Sylvie, *Il «perfetto cortigiano» D. Miguel da Silva*, Roma, Bulzoni, 1989; MARNOTO, Rita, «Laura Bárbor», *Sete Ensaios Camonianos*, Coimbra, CIEC, 2007, pp. 33-106; SENA, Jorge de, *Uma Canção de Camões*, 2.ª ed., Lisboa, Edições 70, 1984.

Rita Marnoto

BERNARDES, Diogo (Ponte da Barca, c. 1530-Lisboa, c. 1594). Poeta português, irmão do poeta frei Agostinho da Cruz (Agostinho Pimenta), filho de Catarina Bernardes Pimenta e de João Rodrigues de Araújo Colaço. Publicou três volumes de poesia: *Várias Rimas ao Bom Jesus* (Lisboa, Simão Lopes, 1594), combinando textos de caráter religioso, poemas de cativo e de ocasião; *O Lima* (Lisboa, Simão Lopes, 1596), em que se incluem as églogas e cartas; e *Rimas Várias Flores do Lima* (Lisboa, Manuel de Lira, 1597), constituído maioritariamente por sonetos e redondilhas, além de canções, elegias, oitavas, sextinas, epigramas e uma ode, de tema amoroso e de ocasião.

Podemos traçar a sua biografia graças a algumas informações dadas pelos seus poemas e também por vários documentos oficiais contidos nas Chancelarias de D. Sebastião e D. Henrique, de D. Filipe I, de D. Filipe II e da Ordem de Cristo. Entre os factos mais importantes inclui-se a inscrição nas ordens menores em Braga, em 1544, declarando-se natural de Ponte da Barca (*apud* J. G. Abreu). Na década seguinte começa a lançar-se como poeta, procurando cativar mestres e mecenas (ver Églogas VII e VIII; Carta I). Em 1558 renuncia ao cargo de escrivão dos órfãos, que herdaria quando o pai falecesse, a favor do cunhado Paio de Araújo e Azevedo (Chancelaria de D. Sebastião e D. Henrique, liv. 1, fl. 149v-150v). Alguns anos mais tarde, em 1566, enquanto desempenha as funções de moço de câmara do Rei, herda o cargo de tabelião do público e judicial do concelho da Nóbrega, por morte do pai (Chancelaria de D. Sebastião, liv. 17, fl. 367v). Talvez a Corte o interessasse mais do que um cargo camarário, pois no ano seguinte transfere-o para o cunhado Paio de Araújo, devido a um impedimento não especificado (chancelaria de D. Sebastião, liv. 18, fl. 542v-543r). Nessa altura já convive com outros poetas do seu tempo, nomeadamente António Ferreira e Pero de Andrade Caminha, correspondendo-se literariamente com ambos. Também mantém relações com António de Castilho, como mostra a carta manuscrita que lhe envia a 11-3 1574 de Ponte da Barca, agradecendo a emenda e polimento das suas rimas. No mesmo ano é publicado o *Sucesso do Segundo Cerco de Diu*, de Jerónimo Corte-Real (Lisboa, António Gonçalves, 1574), em que



O Lyma de Diogo Bernardes, 1.ª edição, 1596

se inclui um soneto de Diogo Bernardes, não recolhido nas suas *editiones principes* («Colhei Ninfas do Tejo, as mais cheirosas»). Em 1576 acompanha como secretário a embaixada de D. Sebastião a Filipe II, encabeçada por Pero de Alcáçova Carneiro (ver Carta XXXII). Em 1577, o «escudeiro fidalgo» é nomeado servidor de toalha da Casa Real, recebendo 6000 réis de vestimenta anuais (Chancelaria de D. Sebastião, liv. 43, fl. 12). Nesse ano faz campanha pela sua participação na jornada de África, com o intuito de cantar a vitória do jovem monarca (ver Cartas XIV e XV). No ano seguinte é publicada outra obra de Corte-Real, *Felicíssima Vitória* [...] (Lisboa, António Ribeiro, 1578), em que novamente se inclui um soneto de Diogo Bernardes, inédito das suas *editiones principes* («Se as musas devem dar justos louvores»).

Acompanha D. Sebastião a Alcácer Quibir, acabando por ficar cativo em Berberia. Terá regressado entre princípios de 1579 e finais de 1580, recolhendo-se às margens do Lima e permanecendo em Ponte da Barca em 1581 (ver Cartas XVI, XVIII e XX). O regresso à nova conjuntura política de Portugal parece favorecer-lo com uma situação social e financeira privilegiada